

CONSCIÊNCIA MORAL E A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE PLANETÁRIA

Paulo Roberto de Oliveira[□]

Resumo: A comunicação tem duas vertentes: uma crítica e outra reflexiva, buscando uma fundamentação moral a partir da ética da responsabilidade para um problema global: A crise planetária. Na vertente crítica pretendemos discutir as concepções científicas, religiosas e filosóficas acerca do nosso planeta, isto é, pretendemos mostrar que antes do século XX, todos estes sistemas culturais-científicos, favoreceram de certa forma a exploração do nosso planeta de forma devastadora, alterando todo o sistema planetário.

As concepções religiosas afirmam que o planeta é dado por Deus com a finalidade da utilização humana, portanto, esse Ser Supremo nunca iria deixar esgotar nossas fontes de vida. Também a ciência juntamente com a filosofia postulava uma natureza que se dava a conhecer suas leis e possibilidades de transformá-la. Segundo o filósofo moderno Francis Bacon ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito, sendo assim, o homem é ministro e intérprete da natureza. Bacon está dentro da ideologia moderna científica, baseada no controle da natureza, pois, se observarmos a Sagrada Escritura, veremos que a natureza sempre foi sinônima de destruição. O problema está no fato do homem ter avançado para além do simples controle da natureza, ele a transformou, como se não fosse responsável por ela.

O controle da natureza foi interpretado por Heidegger como sendo a identidade da Técnica. A técnica revelou a fragilidade do ecossistema, revelando também a luta histórica entre o homem e a natureza. O controle técnico do mundo se dá por diversas formas: o controle através da representação, o controle através do discurso, atualmente estamos na era do descontrole.

Analisaremos também algumas estratégias usadas por pesquisadores tendo em vista a conscientização da situação atual do planeta, como por exemplo, a tese do cientista britânico Lovelock. James Lovelock considera a Terra um organismo vivo, atualmente, por causa da ação humana, está ocorrendo um fenômeno denominado por

[□] Mestrando em Filosofia pela FAJE. Bolsista da CAPES. Editor da Revista ZEITGEIST da Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha. Endereço eletrônico: vocacionadopaulo@yahoo.com.br.

Lovelock como “A Vingança de Gaia”. Porém, veremos que essa idéia além de produzir alguns argumentos pouco prováveis e exagerados provocando inclusive uma “Religião Gaia”, tira do homem a sua responsabilidade como ser-para-si.

Na vertente reflexiva buscaremos uma fundamentação moral válida como meio eficaz para a Responsabilidade Planetária.

A fecundidade da ética da responsabilidade se dá pelo novo paradigma moral, esse paradigma tem seu início na contemporaneidade, mas, é com o filósofo Karl Otto Apel que a Ética da Responsabilidade possui uma rigidez filosófica através da Ética do Discurso. Portanto, a ética de Apel pretende ser uma resposta aos desafios da situação histórica, essa situação que é fruto da construção cultural humana. Neste sentido, a presente pesquisa possui uma natureza antropológica, pois, é natural do ser humano ser um produtor de cultura, portanto, um ser responsável, conseqüentemente ético.

Para tanto, é necessário que o homem tenha consciência de sua responsabilidade diante do outro, de si mesmo e do mundo. Fixaremos a reflexão sobre a responsabilidade do homem diante do mundo. Sendo assim, se faz necessário uma consciência moral, o problema está aí, pois, essa conscientização depende do mais alto estágio de uma lógica de desenvolvimento da consciência moral.

Palavras-Chave: Consciência, Ética, Responsabilidade, Planeta e Liberdade.

INTRODUÇÃO

A antropologia filosófica considera o homem um animal extraordinário, diferente dos demais. Sendo um ser racional, na qual, possui a validade lógica como condição de possibilidade para o seu desenvolvimento racional. O modo como o homem relaciona com o mundo também é diferente. Inclusive, o mundo para nós é simbólico. Sempre os filósofos consideram não o mundo natural, mas o mundo representativo, no qual, estamos inseridos.

A tarefa fundamental de toda a filosofia é dirigir uma interrogação ao mundo. Quando pensamos no mundo a ser interrogado, temos de estabelecer os seus contornos no âmbito da produção histórica, do homem, da ciência, da técnica, da política, da economia, do trabalho, da linguagem, da educação e do cotidiano. Dessa forma, através das ações realizadas, colocamos em prática a nossa capacidade de

interrogar e é a filosofia que possibilita o homem a refletir e interrogar sobre o mundo e as coisas que o cercam, ao fazer isso, o homem se torna construtor de sua própria história.

Porém, encontramos na filosofia de Jean Jacques Rousseau o começo de uma crise cultural, ética e científica, pois, a partir da questão referente á bondade humana relacionada á ciência, podemos mais do que nunca afirmar a necessidade de uma ética da responsabilidade na era da tecnociência, pois, a atividade cultural e simbólica a partir de uma racionalidade instrumental, trouxe pela primeira na história, a necessidade de nos pensarmos como seres dependentes da natureza.

Portanto, nossa pesquisa consiste em abordar a crise planetária a partir da ética, tentando reconstruir a identidade dessa crise, bem como uma ética universal, capaz de tornar-nos responsáveis pelos nossos atos.

1- Situação Histórica

De fato, o homem nunca esteve em paz com a natureza¹, sempre, procurou dominá-la ou transformá-la em um ente intencional, alvo de críticas e insultos. O domínio da natureza só foi realmente possível na idade moderna², depois da investigação natural, sendo utilizado o método empírico.

As causas da dominação da natureza são para mim três: religiosa, metafísica e científica.

1.1 Problematização Religiosa

Na idade moderna, o homem conseguiu instrumentos eficazes para manipular e controlar o planeta, porém, o desejo de domínio, fruto da insatisfação, já vem desde a época antiga, ainda, queremos destacar que, a natureza na bíblia sempre foi sinônima de

¹ A humanidade sempre esteve encrocada com a natureza, basta lembrar as muitas derrotas infligidas contra ela. Doenças e catástrofes naturais são as mais conhecidas. Diante da peste negra, Dante Alighieri confessou que a humanidade havia chegado ao seu fim; e Kant, em 1755, investigou cheio de desilusão as consequências do terremoto de Lisboa. O ecossistema é uma ameaça para a humanidade há mais tempo do que estamos acostumados a pensar.

² Nas faculdades de engenharia do Brasil é estudado primeiro as ciências, para depois, apresentar as formas de domínio.

dominação, portanto, é difícil, defendermos qualquer pretensão religiosa no que se refere à defesa da natureza. Vejamos:

Deus disse: “Façamos o homem à sua imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão”. Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e a submetei-a! Dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem pelo chão (Gênesis, Cap. 1).

Muitos podem dizer que a sagrada escritura deve ser interpretada de outra forma, mas, como questiona Dawkins: “qual o critério devemos usar?” Inclusive por muito tempo a Igreja Católica não importou com os problemas planetários por causa desse mandamento divino: dominai. Dominar é exercer autoridade, poder, reprimir, ser preponderante. A divinização do homem que se encontra também na teologia negativa de Feaubach, revela uma “superioridade” humana sobre os demais seres vivos, idéia essa proveniente da filosofia tomista.

Em uma linguagem existencialista, a partir de certa teologia do absurdo, podemos afirmar a gratuidade de todas as coisas e como veremos, essa idéia deu para o homem uma responsabilidade incondicional, na qual, poderá levar-nos a ter um senso moral válido e justificável.

O tema de nossa pesquisa tem como centro a consciência, somente através dela poderemos ter uma solução eficiente para o nosso problema. Dawkins, afirma categoricamente que a divinização do mundo, isto é, a existência de Deus impede qualquer forma de conscientização, pois, temos uma visão de mundo unilateral, na qual, tudo é sustentado pela complexidade do absoluto:

Outros cientistas nos conscientizam de formas diferentes. A própria ciência da astronomia de Fred Hoyle nos coloca em nosso devido lugar, metafórica e literalmente falando, encolhendo nossa vaidade para que ela caiba no minúsculo palco onde representamos nossa vida – nosso pedacinho de detrito de explosão cósmica. A geologia nos faz lembrar da brevidade de nossa existência, tanto como indivíduos quanto como espécie (DAWKINS, 2007, p. 161.)

Voltando ao tema do absurdo, percebemos a gravidade da questão, pois, historicamente, a preocupação moral religiosa estava na dimensão humana-social, isto é, o planeta nunca foi um problema para os religiosos, pelo contrário, Deus tudo suporta.

1.2 A metafísica e o controle do mundo

Heidegger foi um dos primeiros filósofos contemporâneos a profetizar os efeitos da técnica, bem como, buscar a identidade da técnica: “A bétula nunca ultrapassa o seu possível. As abelhas moram no seu possível. Só a vontade que, a toda parte, se instala na técnica, esgota a Terra até a exaustão, o abuso e a mutação artificial” (Heidegger, *A Superação da Metafísica*).

Se o ecossistema representa hoje uma questão incômoda para a humanidade é somente porque os seus limites foram expostos, colocados diante de nós como algo frágil, desnudo pela ação repetitiva da técnica e da tentativa de controle sobre a natureza. Resultado de uma luta antiga.

Para Heidegger, a essência da técnica não é de forma alguma algo de técnico, por isso nunca faremos experiências de nosso relacionamento com a essência da técnica enquanto concebermos e lidarmos apenas com o que é técnico. Do mesmo modo, dificilmente entenderemos a crise do sistema ambiental sem entendermos o que se passa por trás do desejo de controle que o ser humano tenta sobre a natureza.

Afirmamos que a técnica ou o controle do mundo começa na idéia contida no livro dos Gênesis, porém, para Heidegger, não foi a tese da criação que determinou tal processo, mas, a salvação e a metafísica. Podemos comprovar isso a partir do iluminismo e a idéia de progresso, ou seja, o conceito de salvação religioso é transformado pela modernidade, pela qual, a salvação acontece pelo progresso na sociedade.

Daí, podemos compreender o cristianismo como acionário, diferente das religiões orientais. A metafísica e a religião impulsionaram o *labor* especulativo, transformador e salvador. A especulação torna possível a compreensão do mundo e por isso a possibilidade de transformá-lo tendo em vista a salvação de todos.

Partindo desse ponto de vista, o Cristianismo continua intacto no Ocidente e crescente fora dele. A arte moderna, a literatura e a recente expressão artística, como no caso do cinema, refletem de contínuo a necessidade de salvação. Os heróis modernos são indivíduos dispostos a sacrificar tudo pela salvação:

A ciência moderna leva a cumprimento o domínio da natureza, subtraindo-a de Deus, que, sendo cada vez menos acessível à razão, termina por ficar cada vez mais confinada na fé. Tomando o lugar de Deus, a razão torna-se legisladora, não aprende com a natureza, como sucedia quando a natureza era considerada como um desígnio de

Deus, mas obriga a natureza a responder a suas interrogações (GALIMBERTI, 2006, p. 586)

Com isso, todo o controle da natureza passa pelas mãos humanas, agora, ela terá que responder e satisfazer todas as questões, vontades e desejos da humanidade. Inclusive, o fundamento do conhecimento natural não está nas coisas ou em Deus, está no homem, na razão pura como diz Kant.

Segundo Heidegger a religião é apenas um ponto particular da técnica moderna, pois, a técnica é a ciência mais generalizada que o mundo moderno conhece, e ela se identifica com a sua progenitora – que é também universal – a metafísica:

O crepúsculo já aconteceu propriamente. As conseqüências deste acontecimento apropriador são os fatos da história mundial neste século. São apenas transcurso do que acabou. A história e a técnica ordenam o seu curso no sentido do último estágio da metafísica (HEIDEGGER, 2002, p. 63).

A técnica possui as mesmas características da metafísica: universalidade e generalidade, a ciência do ser em sua totalidade. Portanto, o ser-no-mundo atual é um ser técnico, pois configura a si mesmo e o mundo como tal.

O controle técnico do mundo, portanto, não é apenas o resultado da ação humana, mas do desejo humano instaurado com maior vigor no cerne da modernidade. No mundo moderno, a palavra de ordem responde pelo nome de coisa. A coisa traz consigo a enorme vantagem de ser neutra e disponível. Além da técnica ter surgido da metafísica enquanto controle do mundo pelo uso da razão, agora, a técnica instaura-se com pretensões metafísicas, dando novo sentido ao ser.

1.3 O Cientificismo

Antes da técnica e depois da metafísica encontramos a ciência. Todavia, já definimos a técnica moderna e portanto, resta-nos mostrar o ponto pelo qual a ciência e a técnica se tornaram o fundamento da vida humana.

Encontramos no renascimento o germe da técnica moderna. Não obstante, como nos afirmou Heidegger, foi através da arte renascentista que o homem pôde ampliar seus saberes. O artista do renascimento, homem universal, levou longe sua sede de conhecimento. Transformou-se também em engenheiro e técnico de grande capacidade inventiva – e plenamente ciente de suas qualidades. Exemplo disso é a carta

que Leonardo da Vinci escreveu em 1482, em que solicita emprego a Ludovico, o Mouro (1452-1508), da poderosa família dos Sforza, de Milão: “já fiz planos de pontes muitos leves (...). Sou capaz de desviar a água dos fossos de um castelo cercado (...). Conheço meios de destruir seja que castelo for (...). Sei construir (...) galerias e passagens sinuosas que se podem escavar sem ruído nenhum (...).

Disso resulta um dado importante do Renascimento: a curiosidade por autômatos, as máquinas artificiais, de cuja fabricação o homem, fascinado, descobre-se capaz.

A incansável busca por conhecimento e conseqüentemente por poder, fez com que Francis Bacon, escrevesse uma filosofia crítica da tradição antiga-medieval, pois, o conhecimento não foi exaurido, pelo contrário, foi necessário construir todo o sistema cognitivo de até então, buscando uma base para o conhecimento que pudesse satisfazer os anseios humanos:

Todos aqueles que ousaram proclamar a natureza como assunto exaurido para o conhecimento, por convicção, por vezo professoral ou por ostentação, infligiram grande dano á filosofia quanto às ciências. Pois, fazendo valer a sua opinião, concorreram para interromper e extinguir as investigações. Tudo o mais que hajam feito não compensa o que nos outros corromperam e fizeram malograr. Mas os que se voltaram para caminhos opostos e asseveraram que nenhum saber é absolutamente seguro, venham suas opiniões dos antigos sofistas, da indecisão dos seus espíritos ou, ainda, da mente saturada de doutrinas, alegaram para isso razões dignas de respeito. Contudo, não deduziram suas afirmações de princípios verdadeiros e, levados pelo partido e pela afetação, foram longe demais (BACON, 2000, p. 27.)

O texto acima sugere uma reflexão profunda sobre o novo paradigma moderno: *o conhecimento científico*. Essa forma cognitiva foi levado às ultimas conseqüências pelo positivismo lógico-científico.

A investigação filosófica de Bacon, tem outro objetivo além do aprimoramento do conhecimento. A experiência, para Bacon, é sobretudo a possibilidade de utilizar as forças da natureza para o proveito do homem. Assim, desvendar o modo como os fenômenos ocorrem significa conhecer as possibilidades de manipulá-los. Mais tarde, o desenvolvimento da ciência provaria que tinha fundamento uma famosa expressão de Bacon: “Saber é poder”.

2- O problema da responsabilidade ecológica no pensamento mítico-científico

O alarme da possibilidade da destruição do nosso planeta foi dado pelo cientista inglês James Lovelock. Ele afirma que a situação atual não tem mais jeito, portanto, o aquecimento global parece ser uma realidade irreversível:

Por modelos matemáticos, descobre-se que o clima está a ponto de fazer um salto abrupto para um novo estágio de aquecimento. Mudanças geológicas normalmente levam milhares de anos para acontecer. As transformações atuais estão ocorrendo em intervalos de poucos anos. É um erro acreditar que podemos evitar o fenômeno apenas reduzindo a queima de combustíveis fósseis. O maior vilão do aquecimento é o uso de uma grande porção do planeta para produzir comida. As áreas de cultivo e de criação de gado ocupam o lugar da cobertura florestal que antes tinha a tarefa de regular o clima, mantendo a Terra em uma temperatura confortável. Essa substituição serviu para alimentar o crescimento populacional. Se houvesse 1 bilhão de pessoas no mundo, e não 6 bilhões, como temos hoje, a situação seria outra (LOVELOCK, 2006, p. 19-20)

Essa tese de Lovelock é denominada “vingança de Gaia”. Ele chama a Terra de Gaia fazendo referência à mitologia grega, na qual, a Terra era considerada um organismo vivo. Contudo, diferentemente dos gregos, a tese de Lovelock é fisiológica, isto é, a Terra não possui consciência, tão pouco personalidade, mas, na sua totalidade, a Terra é viva, todas as coisas estão inter-relacionadas. Além disso, Gaia se auto-regula, produzindo sua sustentação.

Os cientistas até então consideravam que a vida se dava somente na biosfera, porém, percebe-se que todas as esferas do nosso planeta são vivas, pois, contribuem para a vida completa do sistema terrestre. Sendo assim, parece ser correto afirmar a vivacidade do nosso planeta:

Chamo Gaia de um sistema fisiológico porque parece dotada do objetivo inconsciente de regular o clima e a química em um estado confortável para a vida. Seus objetivos não são pontos fixos, mas ajustáveis a qualquer meio ambiental atual e adaptáveis às formas de vida que mantenha. (LOVELOCK, 2011, p. 27)

A tese anterior afirmava que uma biosfera auto-reguladora jamais poderia ter se desenvolvido, já que a unidade de seleção era o organismo, não a biosfera. A biosfera já possuía de forma apriori todo o sistema vital para a manutenção do nosso planeta, da vida. Contudo, as experiências realizadas sobre os processos químicos e físicos que ocorrem na Terra, levaram Lovelock a acreditar na hipótese Gaia.

Gaia funciona mantendo o equilíbrio, isto é, através de limites. O problema atual é que o homem ultrapassou os limites, causando desequilíbrios que são prejudiciais à vida do nosso planeta.

A causa desse desequilíbrio é o homem, sendo assim, um organismo que afeta o ambiente de maneira negativa acabará por ser eliminado. O aquecimento global foi provocado pelo homem, e por isso, corremos o risco de ser extintos. Até 2100 é provável que desapareça 80% da humanidade.

Qual é o problema da hipótese de Gaia? A nossa preocupação se dirige em direção à responsabilidade, pois, tal categoria humana está necessariamente ligada à liberdade. Porém, a tese de Lovelock expõe certo determinismo, na qual, extingui de certa forma nossa responsabilidade.

Aparentemente ao afirmar que as causas do desequilíbrio são humanas, parece que somos responsáveis por tal ação. Todavia, existe como já afirmamos uma ordem lógica determinante no nosso planeta; portanto, estamos apenas transferindo os poderes de Deus para a natureza. Afirmamos a tese do acaso, ou seja, a aparente regulação terrestre é na verdade contingente, consequência de fatos e coisas independentes.

Outro problema que pode ser verificado em diversos países é a mistificação dessa tese de Lovelock, radicalizando sua hipótese. Algumas hipóteses bem conhecidas, mas também com abordagens metafísicas externas à práxis científica em seus métodos e inferência, afirmam que os minerais são vivos, pois, algumas pedras preciosas e semi-preciosas, e muitos elementos geológicos comportam-se parcialmente como seres vivos, já que nascem crescem, reproduzem e morrem. Fato que em sua incompletude, entra em análise acompanhados dos vírus, inclusive os de computador, pois sabe-se que são inertes e praticamente minerais quando são hospedeiros, apesar de evoluírem.

Pesquisas em inteligência artificial e a própria rotina da internet e dos computadores demonstram que formas vivas (trojans, vírus, spywares, worms, backdoors, etc) também comportam-se, em termos epistemológicos, como os seres vivos tradicionais, recebendo de forma ligeiramente irônica, nomes de seres vivos.

Sendo assim, a hipótese de Gaia apenas serve para uma formação da consciência planetária, isto é, nos mostrar a grave crise ecológica que ocorre de forma violenta.

3- A Ética da Responsabilidade

Induzimos a partir das reflexões anteriores a mostrar que a única forma de resolução do problema ecológico é a ética, pois, estamos no nível da ação, tudo o que acontece com a Terra é ato humano e somos responsáveis por ele. Porém, Jean Paul Sartre afirma a não existência de uma responsabilidade da responsabilidade, isto é, não existe nenhuma norma moral apriori que condicione a responsabilidade, somente a liberdade humana poderá pensar a partir de uma lógica moral o bem de todos.

Existem duas barreiras que impedem uma consciência responsável ou um pensamento moral.

A primeira barreira é a própria tradição moral, pois, pensamos eticamente quando nos referimos a nós mesmos e ao outro, portanto, até então a ética foi pensada para a humanidade. Aqui me refiro às éticas da virtude e kantiana. As éticas contemporâneas como a de Hans Jonas, Sartre e Apel, podem pensar uma ética a nível planetário ecológico. Karl Otto Apel afirma que pela primeira vez nos encontramos com o desafio de assumir em escala mundial os efeitos de nossa ação.

Segundo Apel temos dois grandes desafios: o primeiro está dentro da eticidade tradicional: o desafio social e político; o outro está dentro de nossa problemática: desafio ecológico e tecnológico.

A segunda barreira é o paradoxo do problema e a evolução do pensamento moral.

Vejamos o paradoxo elaborado por Apel:

Quem reflete sobre a relação entre ciência e ética na moderna sociedade industrial planetária se defronta, a meu ver, com uma situação paradoxal. Pois, de um lado, a carência de uma ética universal, isto é, vinculadora para toda a sociedade humana, nunca foi tão premente como em nossa era, que se constitui numa civilização unitária, em função das consequências tecnológicas promovidas pela ciência. De outro lado, a tarefa filosófica de uma fundamentação racional de uma ética universal jamais parece ter sido tão complexa, e mesmo sem perspectiva, do que na idade da ciência. Isso porque a idéia da validade intersubjetiva é, nesta era, igualmente prejudicada pela ciência: a saber, pela idéia cientificista da objetividade normativa neutra ou isenta de valoração. (APEL, 1994, p. 71-72).

Podemos dizer que esse paradoxo é levado em conta de forma inconsciente ou consciente nas discussões sobre a degradação ambiental. É impossível discutir sobre tal tema levando em conta somente aspectos científicos, é preciso considerarmos os

valores que são pela teoria da ação comunicativa universais, ou seja, levantamos pretensões de universalidade e correção.

Sendo assim, o grande problema do desenvolvimento moral está na falácia naturalista que concebe uma evolução moral natural que é expressão de uma vontade subjetiva.

Contudo, o psicólogo Kohlberg considera a relação entre uma psicologia evolutiva da moral (estágios morais) e a fundamentação filosófica da moral, pois, tal relação se dá por uma evidência apriori, sendo negada, caímos em contradição performativa:

A teoria científica que diz por que as pessoas de fato se movem para cima de estágio em estágio, e por que elas factualmente preferem um estágio mais alto a um mais baixo, é normalmente a mesma como uma teoria moral que diz por que as pessoas poderiam preferir um estágio mais alto a um mais baixo. (Apud APEL, 1994, p. 229)

São sete estágios que podem ser reduzidos em três:

O nível pré-convencional e convencional são particulares e impostos por uma coação externa seja pela família ou pelo grupo social. O nível pós-convencional tem como primeira característica os princípios universais. Um esforço de definir valores que tenham validade e aplicação universal. Acima das autoridades dos grupos ou das pessoas e para além da identificação dos grupos.

Uma ética da responsabilidade deve ser pós-convencional. O problema é que apenas alguns grupos conseguiram chegar nesse estágio. No discurso sobre o planeta, nos deparamos com uma moral legalista, na qual, cada grupo, cada país, preocupa-se somente com uma ética utilitária, convencional, na qual, não consegue pensar filosoficamente uma moral responsável.

Na ética do discurso, que é o mais alto nível da moralidade, deve discutir as questões planetárias. Enquanto não chegamos nesse nível, é necessário que ocorra coações, através da política, do direito e da polícia.

Devemos levar em conta a dimensão da liberdade do homem, na qual, todo imperativo moral pode fracassar, pois, o homem em uma visão existencialista está por se fazer; portanto, até mesmo o mais alto nível da consciência moral só terá sentido e valor se o homem estiver consciente de sua natureza: indefinido, inacabado, incondicionado, autônomo, obrigado a concernir ao outro, injustificável e relativo.

Essas características levam o homem a pensar a sua responsabilidade diante de si, do outro e do mundo.

Sartre, em o Existencialismo é um humanismo considera a realidade humana como um valor, como liberdade. Daí é que se entende que também a moralidade seja um movimento contínuo de inventar-se: o valor moral é uma escolha cujo centro é o indivíduo. O valor moral é, ao mesmo tempo, escolha do mundo, de si e do outro. Isso porque todas as implicações do conceito de liberdade são postas na estrutura do conceito da liberdade e do engajamento. A liberdade, como já se disse, é o fundamento sem fundamento dos valores.

Portanto, o mais alto nível moral corresponde não como queira Apel a uma moral universal, mas a uma conscientização da liberdade e da responsabilidade pelo nosso planeta.

CONCLUSÃO

Mostramos que a crise planetária é também uma crise moral, oriunda de uma falta de conscientização acerca da natureza humana e planetária. Os cientistas modernos e contemporâneos talvez não esperavam que suas motivações e satisfações pelas descobertas científicas e tecnológicas causariam tantos danos ao planeta. Também afirmamos que a metafísica e a religião contribuíram para a utilização e a coisificação da Terra.

O problema será resolvido quando nos conscientizarmos de nossa responsabilidade, assim como aconteceu com Adão e Eva no paraíso, eles se viram em situação de pecado. A bíblia sugere que essa situação é, de fato, constituída pela queda pecaminosa do primeiro homem: desde então os homens são saberes da diferença entre bem e mal. Esse evento, concebido de forma mítica, já tinha sido interpretado por Kant de forma teórico-evolutiva em seu tratado sobre o presumido início da história humana: com passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade, da andadeira do instinto à condução da razão, com uma palavra, da tutela da natureza para o estado de liberdade.

Assim como para resolver os problemas sociais e políticos se faz necessário um engajamento, também na atual situação planetária. Todavia, esse engajamento que é

histórico, deve ser autônomo e sem Deus. Pois, sem Deus, o homem afirma-se como único ser dos possíveis, absurdamente abandonado, sem nada para justificá-lo. Como ser de liberdade, o homem não pertence senão a si mesmo. Só assim poderemos ter uma consciência responsável para tratar dos problemas ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APEL, Karl-Otto. *Estudos de Moral Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- DAWKINS, R. *Deus um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALIMBERT, U. *Psiche e techne; o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *A superação da metafísica*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- LOVELOCK, J. *A Vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2002.
- MELO, Nelio. *A escolha de si como escolha do outro: liberdade e alteridade em Sartre*. Recife: ISF, 2003.
- SARTRE, J.P. *L'existencialismo est un humanisme*. Paris: Nagel, 1970.
- VAZ, Henrique. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.